

FORTALECIMENTO DE LÍNGUA AUTÓCTONE: SATERÉ-MAWÉ EM AÇÃO EM MAUÉS/AM

Jomara Souza dos Santos¹
Luis Alberto Mendes de Carvalho²

Resumo: O presente Trabalho de Conclusão de Curso – TCC surgiu pelo interesse em estudar certos aspectos de fortalecimento da Língua Sateré-Mawé, em Maués/AM. Tudo começou com a realização do projeto de extensão intitulado: SATERÉ MAWÉ EM AÇÃO: ENSINO E APRENDIZAGEM EM MAUÉS, realizado no Núcleo de Ensino Superior de Maués - NESMAU, no ano de 2017 e 2018, sob a coordenação do professor Luis Alberto Mendes de Carvalho, vinculado ao Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP. Este artigo tem como objetivo identificar os aspectos etnolinguísticos (CÂMARA, 1965; BARRETO, 2010; da língua Sateré-Mawé para contribuir com o fortalecimento da referida língua na zona urbana, mesmo imperando dificuldades quanto ao aprendizado desse idioma em um minicurso de língua Sateré, este minicurso foi de grande relevância para os acadêmicos que participaram do mesmo. O minicurso no projeto de extensão tinha o foco na divulgação da língua Sateré, Já neste trabalho científico, buscou-se analisar os aspectos identificados por meio da experiência adquirida pelos acadêmicos durante o processo do minicurso, com o intuito de compreender cada resposta dos seis (6) participantes em função das dificuldades encontradas no minicurso, o que podemos fazer para contribuir com o fortalecimento de línguas indígenas previsto nas Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) segundo as concepções dos participantes do minicurso de ensino da Língua Indígena Sateré-Mawé em contexto urbano. A pesquisa vincula-se no julgamento de valores as concepções etnolinguísticas, que trata das relações entre língua, sociedade e cultura, nesse caso, da etnia Sateré-Mawé, que não pode ser analisada isoladamente fora do contexto e de seus usuários.

Palavras-chave: Etnolinguística; Sateré-Mawé; Fortalecimento de Língua.

INTRODUÇÃO

A legitimidade de um curso de graduação não é fruto apenas de documentos que o compõe, como o diploma que dele pode resultar. No caso doravante relatado trata-se de legitimar ações consideradas importantes ao processo de ensino aprendizagem de docente de Língua Portuguesa – LP, formada pelo Núcleo de Estudos Superiores de Maués – NESMAU, em sua segunda turma de LP. O artigo é montado com as seguintes estruturas textuais introdução, referencial teórico, metodologia, análise de dados e regências que suscitam este artigo.

O que se discute no presente artigo são análises dos aspectos de fortalecimento indígena feitas do processo de realização de um minicurso de Língua indígena Sateré-Mawé em Maués-AM, como forma de aplicação de um projeto de extensão coordenado por docente pesquisador do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP. Nessa perspectiva, ressalta-se aqui, que muitos indígenas dessa etnia residem na zona urbana, buscando novas perspectivas aquisitivas acadêmicas e formas de subsistência que propiciem uma vida mais favorável e com mais oportunidades. Sendo assim, o processo de migração se iniciou há bastante tempo, primeiro com a vinda das mulheres Sateré-Mawé para a cidade com o objetivo de conseguir trabalho e até mesmo estudar, pois as mulheres tinham mais facilidade de adquirir uma ocupação na

¹ Licencianda em Letras – Língua Portuguesa, no Núcleo de Estudos Superiores de Maués – NESMAU, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. e-mail: jomarasantos536@gmail.com

² Professor Assistente no Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP. Mestre em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. e-mail: luis243mendes@gmail.com

atividade doméstica do que os homens, aos poucos os maridos e filhos também se mudaram. (BERNAL, citado por CORRÊA e XAVIER, 2014 p.133) Boa parte dos índios Sateré são bilíngues, pois domina fluentemente a Língua Sateré-Mawé e a Língua Portuguesa, contudo, em virtude dos desafios impostos e em função do uso da LP como língua oficial, quando adentram o ambiente escolar, ou até mesmo no cotidiano urbano, a língua nativa entra em desuso e, conseqüentemente, passam a se expressar apenas no idioma oficial e acabam apagando parte da língua materna.

Para tanto, se tratando do ensino da língua indígena Sateré para quem não conhece e deseja aprender, se torna complicado, haja vista que no Município de Maués, há poucos recursos didáticos para efetivar o ensino e fortalecimento da língua nativa; tais como apostilas, livros e impressos que poderiam ajudar no aprendizado dessa língua, principalmente a quem precisa desse suporte. Dessa maneira, para quem quer aprender a Língua Sateré-Mawé na cidade de Maués se abre uma lacuna, pois é difícil de se praticar por conta própria, uma vez que o ensino não pode abrir mão de alguém que seja fluente na língua e que saiba repassar o conhecimento linguístico, que adote práticas de ensino com auxílio de materiais didáticos de grande importância no processo de ensino e aprendizagem da língua Sateré. Segundo a Comissão Nacional de Apoio à Produção de Materiais Didáticos Indígenas, BRASIL-CAPEMA, (2008, p.05) “ ainda temos um expressivo déficit de materiais didáticos para todas as etapas da educação básica intercultural indígena, principalmente para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio e temos certeza de que programas de formação superior de professores o desafio é ainda maior.

Desse modo, analisa-se os aspectos de fortalecimento da língua Sateré-Mawé e atrelado a isso, as dificuldades existentes no ensino/aprendizagem da Língua Sateré-Mawé no minicurso, relacionando com a etnolinguística que fomentam essas dificuldades por meio do conteúdo ensinado as pessoas que participaram do minicurso realizado no NESMAU. Destaca-se a importância da língua Sateré-Mawé, com base em conhecimentos etnolinguísticos e principalmente na legislação de base da educação (LDB), visando a promoção da respectiva língua indígena em Maués/AM.

ASPECTOS ETNOLINGUISTICOS SATERÉ-MAWÉ

A Língua Indígena Sateré-Mawé, sob a perspectiva da etnolinguística, que vem está ligada a sociedade, cultura e língua, no caso Sateré-Mawé, se iguala em relação a qualquer outro idioma. A etnolinguística atua no processo de análise que engloba a língua juntamente com o princípio cultural Sateré e também a sociedade como dito anteriormente, para que compreenda o indivíduo indígena em seu espaço de vivência. A língua Sateré carece de mais visibilidade dentro do espaço urbano do Município de Maués/AM. Sabemos que referida língua constitui uma estrutura riquíssima em sua raiz étnica que engloba desde o contexto histórico do seu povo até a vivência atual, e é falada por cerca de 7.500 indígenas (TEXEIRA, 2005, p.48) que residem na região geopolítica denominada de Médio Amazonas. Essa região é delimitada pelos municípios de Barreirinha, Parintins e Maués. Ainda é muito comum vermos muitos índios se comunicando em sua língua nativa na orla da cidade, denominada Praça do Caixão, local onde

ancoram muitos barcos vindos da zona rural, inclusive das comunidades indígenas. Com isso, é possível ouvir pela comunicação que eles utilizam o domínio do português e do Sateré.

Se por um lado isso serve para a preservação da cultura e língua desse povo, por outro, com o avanço do desenvolvimento tecnológico fomentou para que muitos indígenas adentrassem o espaço acadêmico pela interiorização da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), usufruindo de seus direitos à educação superior assegurados com muita luta.

Nas Terras Indígenas do Rio Marau constitui um número relevante de indígenas que preservam cuidadosamente a cultura e a língua Sateré-Mawé dentro de suas comunidades, além dos ensinamentos que adentram as muitas gerações e continuam vivas entre o povo Sateré, e constituem matérias e recursos naturais que são extraídos com sensatez da natureza para que este continue a perpetuar dentro os demais herdeiros da herança étnica e seus elementos sociais e culturais do dia a dia. A língua indígena no contexto urbano de Maués, traz-nos novas perspectivas que precisam ser adotadas como ferramenta de ensino no Nesmau e/ou nas escolas de ensino regular.

Os índios Mawé semeiam as suas estratégias de preservação em função da língua na zona rural. Tendo em vista isto, faz-se fundamental desenvolver mecanismos interventivos para ampliação e valorização da aquisição etnolinguística em âmbito urbano, visando aproximar ainda mais a sociedade e a língua e perspectivas culturais que estão entrelaçadas nos mais de 8.000 índios que estão nas Terras Indígenas (TI) Andirá e Marau. De acordo com CARNEIRO (2012): “a língua é falada atualmente por cerca de 80% da população Sateré que vive na Terra Indígena Andirá e Marau. É usada no dia a dia das comunidades: no seio familiar, em reuniões, em trabalhos comunitários, em encontros e assembleias” (CARNEIRO, 2012, apud MONTEIRO, 2015 p.26).

A língua materna Sateré-Mawé não é só uma ferramenta de comunicação usada entre os indígenas, ela faz parte da vivência na família, ou seja, de berço, de onde se extraem os primeiros saberes e a formação social de cada indivíduo indígena mediante o convívio com o povo. Quando se trabalha a respeito de uma língua indígena, temos que levar em conta o contexto cultural, o qual está entrelaçada no ensino/aprendizagem dos indígenas em seu cotidiano. Nessa perspectiva, a definição a respeito da língua, sinaliza que se trata de um instrumento de extrema importância usada por uma comunidade linguística real, um sistema comum de associações arbitrárias forma/conteúdo; e partilha a perspectiva histórica, que aponta a necessidade de correlacionar o linguístico com o social, pois a história do povo Sateré é vista

A língua indígena Sateré-Mawé integra efetivamente o dia a dia dos indígenas, por meio da qual conhecemos a história do povo indígena em base etnolinguística como ponto de partida de aquisição linguística abrangente em Maués/AM. As relações pertinentes à língua Sateré-Mawé e aos indígenas estão amplamente ligadas desde o berço Mawé, que se situa nas atividades da caça, pesca, agricultura e nas reuniões que são realizadas no âmbito das comunidades rurais indígenas. Sendo assim, os aspectos veiculados na língua Sateré são abordados em conjunto e não somente contraindo fragmentos, pois a língua permite mostrar elementos que estão amplamente interligadas, como propõe a etnolinguística, ou seja, não abre mão do contexto social e cultural, totalmente fundamentais na abordagem da língua. Segundo Mattoso Câmara, acerca da língua:

Como um microcosmo da cultura. Tudo que esta última possui se expressa através da língua; mas também a língua em si é um dado cultural. Quando um etnológico vai estudar uma cultura, vê com razão na língua um aspecto dessa cultura. Nesse sentido, é o fragmento para ascender a representação em miniatura de toda acultura. E ainda mais: como elemento de cultura, a língua apresenta o aspecto muito curioso de não ser em si mesma coisa cultural de si, a maneira da religião, da organização da família, da arte, da pesca etc; ela apenas serve dentro da cultura como seu meio de representação e comunicação (CÂMARA, 1965, apud Monteiro, 2015 p. 29)

Desse modo, podemos ver que a Língua Sateré-Mawé agrega a cultura indígena e assim, estudar a língua consiste também e inteirar-se na cultura étnica e seus aspectos que estão voltados a língua em questão, levando em conta o espaço onde os indivíduos vivem e o modo de vida adotado pelos indígenas. No entanto, vale ressaltar a necessidade de não deixar a língua cair em desuso. Sendo assim é preciso adotar medidas que visem o fortalecimento da língua não somente no ambiente acadêmico de Maués, assim como também para a sociedade. Para que as pessoas tomem conhecimento e tenha interesse na própria identidade linguística.

A etnolinguística assume um papel importantíssimo com relação às línguas, uma vez que aborda as mudanças divergentes no contexto linguístico, além das diversidades que vão se acentuando com o processo de mudança ocorrida na estruturação do povo indígena. De acordo com (BARRETO (2010), apud MONTEIRO, 2015, p. 22), deve-se tomar em questão o fato de que: “A etnolinguística não analisa o fato linguístico isoladamente, mas sempre relacionando ao contexto em que ele foi produzido, considerando os dados linguísticos e extralinguísticos”. Desse modo, a etnolinguística situa de modo a analisar os elementos primordiais presentes na língua Sateré e o seu espaço social.

ESTRÁTEGIAS DE FORTALECIMENTO DE LÍNGUA AUTÓCTONE

De modo geral, muitos estudiosos têm se preocupado com o fortalecimento de línguas indígenas, pois têm conhecimento das línguas indígenas que se perderam com o passar do tempo. A cada dia que passa, ocorrem as transformações urbanas, ou seja, os efeitos da globalização que afetam diretamente as populações indígenas no Brasil são afetadas também por meio de políticas desfavoráveis à causa nativa. As mudanças sociais são inevitáveis, porém, se elas vêm desacompanhadas de propostas inclusivas, não podem contribuir com um desenvolvimento integral da sociedade. Visto que a sociedade maueense é plural em todos os seus aspectos, os elementos que a influenciam devem beneficiar a todos.

Diante desse pressuposto, é preciso conhecer não somente a abordagem indígena voltada aos eventos culturais e festivos, que aliás, são muito importantes para o município de Maués, sendo levada mundo afora, com suas lendas e releituras dos mitos locais, mas além disso, precisa-se adentrar ao conhecimento que os indígenas tem a contribuir, a história conservada e respeitada pelos Saterés dentro das aldeias indígenas, tudo isso agrega ainda mais valorização da língua Sateré como determina a lei nº 9.394/96 que é assegurada no artigo 79 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, objetivando o fortalecimento das línguas indígenas, LDB, (1996).

Diante de muitas transformações recorrentes no âmbito local, as quais nem sempre são benéficos os povos indígenas Sateré, é possível notar que tem aumentado o número de pesquisas e estudos acerca da abordagem étnica relacionados aos pilares principais, como: resgate histórico, cultural e de línguas indígenas. O que pode representar avanço no sentido dos conceitos de preservação e inclusão dos povos e suas línguas. Pois, assim como qualquer outra língua que circula, a Sateré-Mawé, coexiste com o português regional e suas significações que partem do princípio cultural, social e etnolinguístico, pois não tem como nos remeter a língua sem falar da integração que a sociedade maueense constitui em saberes aquisitivos de convivência, que exercem influência no seio étnico Sateré, com mais visibilidade, principalmente para outras pessoas conheçam a língua e a sua importância. Os povos indígenas no Brasil, inclui-se os Sateré, têm se valido de muitas bandeiras lutas por seus direitos designados na Constituição Federal. Por isso, por meio das articulações e organizações de lideranças têm protagonizado melhorias da qualidade da educação formal, de saúde, segurança alimentar etc. Na cidade de Maués, há, porém, necessidade de implementar políticas públicas com engajamento na língua Sateré-Mawé voltadas ao ensino/aprendizagem de jovens indígenas, que contribua de maneira efetiva no futuro acadêmico dentro das universidades e mudar essa ideia de inferioridade muitas vezes associadas ao povo nativo, e conseqüentemente, à língua materna deles.

METODOLOGIA

O caminho científico traçado entre a problemática contextualizada e a análise dos dados coletados a fim de se responder ao que foi perguntado, é apresentado como tendo a natureza qualitativa. Para Minayo (2001), esse tipo de escolha é assim entendido: “[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 21-22).

A pesquisa qualitativa se constitui no trabalho com a própria realidade, ou seja, por meio de dados obtidos através do questionário realizado durante o próprio procedimento do minicurso, o qual objetivou a investigação inerente ao objeto de estudo, no caso, as possíveis dificuldades no ensino/aprendizagem da língua Sateré-Mawé, na cidade de Maués/AM, buscando responder as interrogações encontradas nesse processo minucioso e objetivo.

Nesse percurso também foram utilizados instrumentos de captação e manipulação do contexto real pertinente aos aspectos que propiciaram as dificuldades no ensino/aprendizagem da Língua Indígena Sateré-Mawé no NESMAU, na abordagem subjetiva das dificuldades no ensino/aprendizado da língua indígena como ferramenta de fortalecimento desse idioma. Quanto ao método de abordagem utiliza-se o Dialético, o qual se materializa com a natureza qualitativa da análise de dados, quando se apresenta um olhar direcionado sobre a realidade dialógica pesquisada.

Dessa maneira, atribui-se uma significância a mais em relação aos fatos estudados que não podem ser considerados fora de um contexto histórico e social. Assim, por meio das indagações contraditórias na pesquisa, surgem novas constatações com o intuito de encontrar

soluções para os questionamentos no processo de análise dos questionários respondidos pelos acadêmicos. Nesse ponto de vista, o Método Dialético procura destacar o objeto de análise com mais rigor, já que este vai estar frente a frente com as possíveis contradições, (MEZZAROBÀ; MONTEIRO, 2003, p. 72).

Desse modo, analisa-se as opiniões e de aspectos subjacentes na estrutura etnolinguística, do minicurso em Sateré-Mawé realizado no NESMAU. Destacando-se as dificuldades que se entrelaçaram no processo de ensino/aprendizagem da língua em questão, observados sob a perspectiva de amadurecimento científico adquirida na participação do referido minicurso, o qual pode ter servido para encaminhar reflexões e aplicação prática de conhecimentos aos estudantes que participaram do mesmo.

A Técnica de Pesquisa utilizada para a coleta de dados foi por meio da aplicação de um questionário para colher informações entre seis (06) dos quinze (15) participantes do minicurso e mais um relato de experiência que será devidamente tratado na análise. O percurso pode ser definido como um processo crucial de interação entre o pesquisador/participativo do minicurso e todo o material coletado foi relevante no procedimento analítico. Dessa maneira, tem-se a finalidade de apresentar aspectos em função das acepções presentes nos discursos dos participantes do minicurso, além de construir ideias inerentes ao conhecimento que eles passaram a possuir correlacionando-os à cultura indígena como fonte de produção cultural e científica que se teve acesso nas aulas do minicurso.

Quanto ao meio em que se aplicou os questionários foi a pesquisa de campo, em contado com o grupo de participantes do minicurso, que englobou pessoas não só pertencentes ao Curso de Letras do NESMAU, mas também pessoas de fora do Núcleo. O principal eixo articulador do instrumento questionário foi a coleta de informações para a análise de dados da pesquisa. “A pesquisa de campo baseia-se na observação dos fatos assim como ocorrem na realidade. O pesquisador efetua a coleta de dados diretamente no local da ocorrência dos fenômenos” (FONSECA, 2010, p. 70). Além disso, a pesquisa de campo foi essencial para se adquirir as informações relevantes no local pesquisado, ou seja, no campo real dos participantes do minicurso, de onde norteou-se o andamento de construção da análise reflexiva nos resultados do trabalho, no qual fez-se a análise subjetiva e com base no referencial teórico, a fim de se chegar ao resultado final.

Neste artigo apresenta-se também a descrição de um breve relato de experiência legítima a natureza qualitativa do trabalho, que se centraliza na experiência obtida pelo pesquisador/participante no minicurso de língua Sateré. Foi trabalhado o Meio Sistemático, uma vez que, possui uma estrutura organizada e planejada com o objetivo de assegurar a relevância e veracidade dos fatos coletados para construção da análise, segundo os conceitos reais obtidos pelo pesquisador. Na pesquisa qualitativa o pesquisador é inserido na realidade investigada, com o intuito de colher as informações relevantes e transformá-las em opiniões norteadas pelo referencial teórico.

No processo de aplicação do minicurso, o sujeito pesquisador participou ativamente, fazendo diversas observações prévias que também foram agregadas no processo de análise do idioma Sateré. A pesquisa científica exige mais rigor do pesquisar quanto a busca dos resultados para concretizar um trabalho de referência. Dessa forma, o pesquisador atuou como participante, organizando os mecanismos de procedimentos pragmáticos, bem como da

elaboração do presente trabalho. Neste artigo, foi recorrido a outras pesquisas publicadas com o intuito de investigar de maneira contundente sobre o assunto tratado. A pesquisa bibliográfica busca as várias contribuições de cunho científico para que sirva de referência teórica para a pesquisa e segundo Lima e Miotto (2007) a importância de fazer uma pesquisa bibliográfica bem-feita, se dá com a finalidade de gerar, principalmente nas temáticas pouco trabalhadas, a abertura de hipóteses ou interpretações que dão entrada para outras pesquisas.

Todo o processo de busca das informações para esta pesquisa foi realizado com seis (6) participantes, sendo os seis acadêmicos do Núcleo de Ensino Superior de Maués. Nesse Núcleo foi realizada a observação direta extensiva no ambiente acadêmico e depois a utilização do questionário, em um processo individual, com cada um dos seis participantes do referido minicurso. Que procederam pelo envio do questionário por e-mail, no caso das pessoas que participaram do minicurso e já haviam se mudado deste município para outras cidades e restante fui até suas residências para entregar os questionários e assim aplica-los para obter a material a ser analisado neste artigo, tendo como ponto articulador a língua Sateré-Mawé em Maués/AM como descrito no tópico a seguir.

FORTALECIMENTO DE LÍNGUA INDÍGENA LOCAL: MINICURSO REALIZADO NO NESMAU

Inicia-se estas reflexões apresentando resultado de um breve relato de experiência do pesquisador/participante referente ao processo de ensino e aprendizagem do minicurso de língua Sateré-Mawé, seguido pelas respostas de 6 (seis) pessoas, das 15 (quinze) que participaram do referido, compartilharam sobre a importância da língua indígena e uma nova ótica de ensino na cidade, na perspectiva de pessoas com o interesse em estudar esse idioma, pondo em cheque os desafios e a conclusão que teve-se a partir das aulas e opiniões do meio social que trata da língua, em possível processo de apagamento entre os índios Sateré na área urbana de Maués.

O minicurso propiciou interação comunicativa entre os participantes, correlacionando com a realidade cultural de assimilação indígena Sateré-Mawé, na qual o professor indígena exerceu a função de mediador do conteúdo etnolinguístico com os estudantes do minicurso, que foi voltado não somente para os acadêmicos do Núcleo de Ensino Superior – NESMAU, mas também para aquelas pessoas que tiveram interesse em conhecer a língua Sateré-Mawé e parte da cultura pertinente ao ensino/aprendizagem.

Quando o minicurso iniciou, as pessoas que participaram se depararam com uma nova experiência, ou melhor, com os assuntos ministrados acerca da língua Sateré-Mawé, realidade essa que está tão presente na zona urbana de Maués e ao mesmo tempo tão distante, porque ainda se tem pouco interesse pelo contato direto com o ensino da língua indígena Sateré-Mawé, vemos muitos indígenas na orla da cidade em diálogo Sateré, o que se nota é que poucas pessoas que não conhecem alguma palavra em Sateré-Mawé.

A Língua Portuguesa – LP faz parte do nosso cotidiano, por isso, a mesma não apresenta tantos desafios ou dificuldades, pois, estamos constantemente em contato com ela. Mas, se tratando do ensino e aprendizagem da língua Sateré-Mawé, vamos encontrar alguns desafios,

visto que, quem teve pouco ou nenhum contato com a língua Sateré, vai ter poucas referências que retome a mesma como temos no português.

RELATO DO PESQUISADOR/PARTICIPATIVO

A participação direta em um projeto de Extensão foi a primeira etapa desse processo que deu início ao cumprimento de um minicurso sob a direção do professor Luis Alberto Mendes de Carvalho, enquanto o pesquisador exercia a função de bolsista no Município de Maués, intermediando as atividades desenvolvidas no projeto que teve duração de um ano e meio no ano de 2017 e metade de 2019. Atividades essas que tinham como objetivo de modo geral valorizar o conhecimento da língua indígena Sateré-Mawé em diversos eventos na cidade de Parintins/AM através da comunicação oral, onde foi divulgada todos os procedimentos e objetivos do projeto de extensão. Após o término do projeto de Extensão, abriu se uma nova janela de conhecimentos indígenas, na qual eu pouco conhecia e que norteou a temática de pesquisa para o Trabalho de Conclusão do Curso-TCC.

Desse modo, foi possível definir o minicurso de língua Sateré-Mawé como ponto de partida para a referida pesquisa. O professor Sateré trouxe para as aulas do minicurso uma nova perspectiva de aquisição acadêmica indígena Sateré, que apesar de morar na cidade a bastante tempo, ele ainda guarda parte de tradições e a língua materna, não esqueceu os ensinamentos étnicos Mawé. Cada aula, tirava-se muito proveito da língua agregado a cultura e saberes provenientes do seu povo e isso só acentuou mais ainda o meu interesse pela língua Sateré-Mawé.

Do mesmo modo como todos os participantes, o pesquisador participou de todas as aulas do minicurso, onde para a maioria, esse foi o primeiro contato com referida língua, no sentido de conhecer alguns enunciados e segmentos passados em língua Sateré-Mawé, mesmo sendo de nível básico. As primeiras impressões antecedendo as aulas do minicurso, foi que essa experiência seria semelhante ao adentrar em um curso da Língua Inglesa, devido ao campo de algumas enunciações um pouco mais complexas e outras que estabelecem facilidade quanto ao ensino, dependendo do grau de ensino, mas acima de tudo, não é fácil elaborar frases no idioma Sateré, pois as vezes não vai existir conectivos na elaboração das enunciações. Na realidade, tudo é novo e isso impõe sim algumas dificuldades pertinentes a língua Sateré.

No início do minicurso foi criado um grupo de interação por meio de um aplicativo de rede social com as pessoas que faziam parte do referido minicurso, com o intuito de estimular uma relação de comunicação apenas em língua Sateré-Mawé, mesmo quando estivéssemos ausentes das aulas, uma maneira de intensificar e praticar o que havia sido aplicado nas aulas. Mediante essa prática, contribuía com os conteúdos ministrados pelo professor nativo. O professor Sateré também fez parte do grupo não somente para interagir sociavelmente, mas também para ajudar com o conteúdo. Em suas participações geralmente contribuía tirando as dúvidas e corrigindo palavras ou frases quando que eram postadas no grupo. Assim, a ferramenta de mídia permitiu ampliar ainda mais o aprendizado da língua e também em parte da cultura. Como afirma Teixeira (2005, p.91) a língua se configura como um importante instrumento de construção cultural e da identidade de uma população.

O contato com a língua Sateré me fez perceber uma série de diferenças estruturais nas palavras em relação à Língua Portuguesa-LP. No entanto, em relação a essas diferenças, precisa-se de aprofundamento linguístico maior para compreender o eixo fonético, morfossintático e discursivo da escolha das palavras a fim de constituir os enunciados naquele idioma.

Dentre as diferenças observadas, cita-se o uso comum em muitas palavras das consoantes “W”, “Y”, “H”, “K”. Como exemplo tomo as seguintes palavras, em Sateré-Mawé, juntamente a sua tradução em Língua Portuguesa: /wewato/ (boi), /wiwy/ (irmão), /ywytu/ (vento), /yi/ (terra), /hywi/ (gavião), /hanun/ (arara), /ykyt/ (sal), /mokuu/ (ingá). Desta-se ainda, que as consoantes se repetem na mesma palavra, como podemos observar nos exemplos acima. Assim, à medida que pronunciamos as palavras nota-se que parte das vogais e consoantes podem exercer funções diferentes em relação à Língua Portuguesa, pois na palavra arara (hanun), o “h” é pronunciado na função de “r”.

Houve momentos no minicurso em que tive que lidar com algumas dificuldades, afinal estava conhecendo uma nova língua, com traços linguísticos próprios e isso trazia alguns questionamentos em relação às características da referida língua. Elaborar frases na língua Sateré não é uma tarefa muito fácil, requer um conhecimento específico acerca da língua. O léxico possui palavras que significam mais de um termo em português e vice-versa. Para sanar esse impasse na aprendizagem o professor falava por certo ponto nas aulas em Sateré, depois disso, traduzia o que havia falado. Essa técnica trouxe motivação em aprender, apesar de não ser tão viável por conta de não haver recursos didáticos apropriados, continuei pesquisando mais sobre a língua Sateré-Mawé em outras fontes.

No minicurso apresentou-se um conteúdo Sateré-Mawé de nível básico e todo esse conhecimento exposto pelo professor indígena fomentou novas ideias em relação ao acesso dessa língua em contexto urbano de Maués, principalmente, sobre a construção da língua uma vez que ela estabelece uma relação de extrema importância com o seu povo Sateré. Pois, a língua é o legado que narra a história, a identidade, a cultura desse povo. Nesse processo enfatizo a opinião de pessoas que estiveram empenhadas no andamento participativo do minicurso, objetivando esclarecer os posicionamentos relevantes que tratem dos pontos positivos e negativos de um ensino que objetive ainda mais, o fortalecimento da língua Sateré-Mawé no referido município, levando em conta os aspectos de cunho etnolinguísticos e divulgação científica.

A língua Sateré-Mawé engloba muito mais que um idioma nativo em si, ela faz parte da cultura de um povo, suas raízes e seus saberes históricos diretamente ligados ao cotidiano, além das atividades que são parte do ensino/aprendizagem no processo de ensinamento da criança dentro da comunidade indígena. No contexto urbano, se torna desafiador o aprendizado da língua Sateré-Mawé, pois é preciso conhecer os aspectos que estruturam a escrita e a pronúncia da referida língua.

O minicurso também representou um fundo de anseio reflexivo, onde cada um estabeleceu o um vínculo próprio étnico e de autonomia sobre a importância da língua Sateré-Mawé em Maués. Língua que, como qualquer outro idioma nativo brasileiro, necessita ser mais explorada, no sentido de contribuir com a demanda de muitos questionamentos que se perpetuam em torno da língua e sociedade. Em relação ao processo de segmentação e suas

perspectivas de aquisição, devemos investir nas interfaces de significação plurais constituintes na Língua Sateré-Mawé em contato com a Língua Portuguesa. Com isso, devemos valorizar cada vez mais e ter o interesse em fortalecer o idioma Sateré, para que esta língua se configure futuramente uma prática de ensino usada dentro das instituições de ensino no contexto urbano da cidade de Maués, em benefício principalmente dos indígenas que dela precisam no processo de ensino.

PERSPECTIVAS E PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES DO MINICURSO DE LÍNGUA SATERÉ

Neste tópico analisa-se opiniões de 6 (seis) das 15 (quinze) pessoas que participaram do minicurso de língua indígena, as quais foram coletadas por meio de um questionário contendo dez questões tratando-se das experiências de cada um, por meio do contato com a língua Sateré, além da valorização étnica a partir do Núcleo de Ensino Superior-NEMAU e fala-se também do apagamento da referida língua na zona urbana da cidade de Maués-AM. Tal análise de modo geral mostra uma lacuna de distância do idioma nativo entre a realidade maueense, principalmente dentro das instituições de ensino, onde há maior necessidade de integração da referida língua para que se reconheça mais o valor da mesma entre os próprios habitantes, onde ainda é possível ver o preconceito em função dessa língua. E conhecê-la implica alguns desafios, mas que são extremamente importantes para as gerações futuras, como afirma o participante A, com relação ao primeiro contato com o idioma nativo;

“O contato mais direto com a língua indígena Sateré-Mawé fez perceber o quanto se está fora do contato com essa língua, diante da grande dificuldade em assimilá-la.

Nota-se uma questão impactante causada pelo acesso do participante com as palavras escritas e orais na língua Sateré, ou seja, conhecer a Língua Sateré-Mawé no minicurso implicou notoriamente diversos desafios, um deles foi a dificuldade que a mesma teve em aprender alguns segmentos apresentados na língua, que não é comum na Língua Portuguesa-LP. A própria língua em si, assim como qualquer outra língua se configura como desafio, pois, a mesma vai agregar em princípio, elementos linguísticos e sociais que estão em estreita relação.

Do mesmo modo, como também a Língua Portuguesa – LP, impõe desafios para os indígenas em contexto urbano. Ou seja, no contexto urbano da cidade de Maués, como aconteceu nas aulas, por não haver muita familiaridade com a língua Mawé, há dificuldades, apesar da grande proximidade da língua indígena dentro do município, que se deu a décadas, através da migração dos índios para a cidade, com intuito de buscar melhores condições, com muita persistência e hoje gozam de seus direitos de ficar ou não em contexto urbano, se assim desejarem (BERNAL, 2009, p18, citado por Corrêa e Xavier, 2014, p 126). Além disso, o processo de migração nos permitiu ter mais proximidade hoje com a língua Mawé, mas, às vezes, se opta por estudar uma Língua Estrangeira – LE, ao invés da língua Sateré, e isso acaba de certa forma contribuindo para o apagamento da mesma no contexto urbano, ao invés de valorizá-la. Cada língua possui sua particularidade linguística de expressão que perpassa as seguidas gerações, agregando as experiências vivenciais de acordo com a historicidade de povo. Segundo Rodrigues, (1994):

[...] cada língua tem determinadas finezas de expressão, que podem coincidir parcialmente com o que se dá em outras línguas dado como um sistema de expressão humana, no qual se cristalizam os efeitos de uma experiência de vida e de análise inteligente de mundo acumulada através das inúmeras gerações de um povo (RODRIGUES, 1994, p. 24)

Na afirmação, Rodrigues (1994) mostra o resultado remetido em experiências por conta dessa produção que a língua exerce em seu sistema de expressão, nesse caso, retoma-se a língua Sateré que trabalha exatamente essa questão, de ser sólida quanto a esse processo de vinculação expressiva do idioma, agregado a construção cultural.

Na segunda pergunta do questionário, questiona-se acerca do desuso do Sateré por parte do nativo dentro do espaço urbano, onde o mesmo se depara com a imposição da língua portuguesa e seus aspectos não só no ensino básico, como também na universidade. Em função disso, o participante B, responde o seguinte:

“Hoje, o desuso da língua Sateré por parte do próprio nativo se dá pela adaptação a cidade, alguns vem para continuar os estudos, afastando-se da língua nativa, estão em contato mais com a língua portuguesa, causando desuso ou pouco uso e também pelo preconceito que eles enfrentam na cidade.”

Nesse caso, o participante destaca em análise perceptiva de como ocorre o desuso da língua Sateré-Mawé na cidade de Maués. É fato que o principal veículo de comunicação é o português e isso claramente vem ser uma imposição aos indígenas, pois precisam dessa ferramenta para se comunicar por conta do estudos e trabalho, e isso é só um dos fatores que dificultam a vida dos Sateré que residem na cidade e sua língua materna toma em desuso, por isso e por muitos outros motivos que para os indígenas não é fácil ser índio dentro dos espaços urbanos como afirma Corrêa e Xavier (2014).

A própria realidade urbana impõe formas de vivência, no “vestir”, no “falar” diferentemente do que ocorre nas comunidades indígenas, pois, mesmo que continuem cultivando sua língua e eventos culturais na cidade, enfrentam preconceito e parte deles, muitas vezes na tentativa de evitar constrangimentos e piadas ofensivas, situações que tive a infelicidade de presenciar no período do Ensino Fundamental, onde estudei com dois colegas indígenas que falavam bem pouco o português e quando falavam na sala de aula em Sateré, eram alvo de risadas, por isso, passavam a maior parte do tempo calados.

Na terceira questão, questiona-se acerca das consequências em desuso da língua Sateré; onde poucas pessoas que residem na cidade de Maués se mostram interessadas em aprender esse idioma e de certo modo, contribuir para com o fortalecimento da mesma, porém, é mais comum ver a procura pelo inglês do que a língua indígena, isso também ocorre pelo fato de a língua não ter um espaço mais abrangente no ensino, ou seja, a língua de fora é mais valorizada por que elas garantem empregabilidade. O participante C, responde o seguinte:

“Está tendo desuso, pois a língua nativa está se perdendo com o passar dos tempos, sem muito interesse, ou falta de oportunidade de aprender essa língua”.

Notavelmente, esse tema tem muito a ver com a anterior, pois retoma ao apagamento da língua autóctone Sateré-Mawé e ressalta ainda mais a importância do minicurso no fortalecimento a língua nativa em Maués. O minicurso fez perceber nos participantes que há a necessidade de preocupar-se com a língua não só na universidade, nas escolas, até mesmo no

espaço de vivência, ou seja, a língua Sateré na prática não faz parte do currículo de ensino urbano de Maués, com isso, entende-se em parte que esse é um dos contribuintes que dificulta para se assegurar a mesma na cidade, principalmente entre próprias os indígenas.

Assim, além de não haver ferramentas que auxiliem os indígenas para que assegurem o uso da língua materna na cidade, há poucas ferramentas de ensino em Sateré para quem não é indígena, mas tem-se plena consciência da relevância da língua e o desejo em aprender uma língua nova que faz parte do Município de Maués. A mesma ideia é defendida por Maher (1990), citado por Beatriz Christino (2018), que tem que haver a conscientização com a questão indígena no país, principalmente os membros de entidades governamentais, da necessidade de desenvolvimento de uma pragmática de contato, pragmática, esta que, se calcada no respeito aos direitos linguísticos e discursivos indígenas, com a finalidade de contribuir para o estabelecimento de relações Inter étnicas mais harmoniosa e mais simétrica em território brasileiro.

Essa necessidade não é apenas local, mas também ocorre em todo o país por onde existem os povos indígenas. Pois, dentro do núcleo familiar e nas embarcações rurais de Maués, percebe-se que os indígenas Sateré mantêm o processo comunicativo por meio de sua língua materna como forma de relevância etnolinguística Mawé que se perpetua de geração a geração por grande parte dos índios Sateré. Esse processo se dá em alguns lugares no contexto urbano, mas, principalmente dentro das comunidades indígenas na zona rural de Maués, onde há um número maior de moradores indígenas que contribuem para a proficiência em uso contínuo da língua. Um dos fatos importantes a se destacar, é que a maioria dos índios Mawé que residem na zona urbana são bilíngues, com isso quando adentram as instituições no município usam a língua portuguesa e parte deles por não usar o Sateré acabam esquecendo a sua língua materna.

No minicurso foi possível obter uma noção maior de estruturação linguística que se acentua na língua Sateré, a medida que o professor Sateré expunha os conteúdos nas aulas, tomava a atenção das pessoas, pois os assuntos étnicos transitavam em sociedade, cultura e língua por meio da experiência do professor Sateré, tida dentro das comunidades rurais indígenas e da integração na zona urbana da cidade de Maués, não isolando o contexto histórico mediado pelo professor. As aulas do minicurso partiam não só dos conteúdos da apostila construída pelo professor, e também o professor compartilhou as experiências de infância e das manifestações religiosas que foram passadas no espaço indígena do Rio Marou, onde o professor nasceu. Parte dos assuntos apresentados nas aulas não estavam na apostila, então havia uma preocupação maior em registrar aquele conteúdo sem ter uma transcrição fonética das palavras, com isso, nem sempre se tinha êxito na pronúncia dos segmentos sonoros, como põe o participante D; *“Em particular, a maior dificuldade foi pronunciar os sons que não são comuns na língua Portuguesa”*.

Toda língua possui as suas peculiaridades linguísticas e fonéticas, a Língua Saterê-Mawé não é uma exceção, ela possui variados termos que a torna única das demais, como é o caso dos elementos sonoros, no caso do “r”, cita-se dois exemplos: o primeiro é a palavra *“heika’at”* (boa tarde) o “h” nessa palavra em Sateré é pronunciado com o som de “r” como ocorre na palavra “rei” em português, no segundo caso tem-se a palavra *“puruwei”* (professor) se pronuncia como o som de “r” fricativo, como o da palavra ‘arara”, regra que funciona nas

demais palavras, como a letra “W” em Sateré, que é pronunciada como se fosse o “u” em português.

As regras de cunho fonético existentes na língua mostram a interface da língua e seus elementos de som que são determinantes na comunicação oral, e quando esta se agrega ao dialeto predominante em cada povo, como na língua Sateré, ela constitui formas próprias na fala, que vai resultar na produção diferenciada não somente no sentido idiomático, mas também por possuir características próprias de fala. A língua Sateré é pouco integrada dentro do município de Maués, com isso, surge a falta de conhecimento acerca da mesma por parte de muitas pessoas que ao se deparar com a língua é falada, agem com preconceito, inclusive no espaço de algumas instituições de ensino. O participante respondeu o seguinte:

“Ainda há muito preconceito contra o povo indígena, principalmente nas escolas, muitas vezes os indígenas são considerados incapazes pela dificuldade de aprenderem a Língua Portuguesa”

Na realidade, muitas das ideias de cunho preconceituoso para com os povos indígenas são baseadas em ideias falsas e falta de informação, visto que no Brasil é marcado pela grande diversidade cultural e linguística, o povo indígena Sateré em Maués, ainda é vítima de preconceito, principalmente em função da língua. Segundo Fernandes:

Para alguns o indígena é selvagem, cruel, traiçoeiro. Para outros, ele é um ser puro, impregnado de inocência das crianças. Os que acreditam na sua pureza, idealizam-no, enquanto os que acreditam na selvageria, os temem indígenas. Em ambos os casos, a imagem construída a respeito dos povos indígenas é baseada em estereótipos, ou seja, ideias falsas, que igualam e colocam sob um mesmo rótulo um sem número de situações diversas (1993, p. 15).

O autor ressalta alguns conceitos errôneos que são criados acerca dos povos indígenas, sendo rotulados e tratados como selvagens, enquanto que, por outro lado, alguns veem nos índios uma face pura como de uma criança. Com essas ideias e muitas outras que os indígenas acabam sendo alvo de preconceito, e é uma realidade ainda presente em Maués-Am, que é mais voltada para a questão etnolinguística, ou seja, afeta diretamente a sociedade étnica, a língua e a cultura em âmbito social, pois há uma conexão entre os mesmos.

A realização do minicurso, apesar de ter sido realizado em um período curto de tempo, de apenas quinze (15) dias, foi muito significativo, pois trouxe nas pessoas, novas percepções de valorização desta língua dentro do núcleo e da importância de continuar cultivando esta língua por meio de outros cursos e projetos dentro do contexto urbano, principalmente dentro das instituições de ensino do município de Maués-AM. Como coloca o participante E:

“Acredito que é necessário que haja mais curso como esse, que despertem a curiosidade e vontade de aprender sobre a Língua Sateré-Mawé. Assim também, a escola é um lugar propício para implantar projetos que resgatem essa nossa história que está se perdendo.”

O minicurso foi um passo importante, pois possibilitou o resgate etnolinguístico Sateré e parte da história de cunho cultural, repassado pelo professor indígena as pessoas que tiveram anseio de conhecer um pouco mais desta língua, integrando os desafios e as possibilidades de se trabalhar os conceitos étnicos no espaço urbano, sem se apropriar dela, visto que a língua provém das experiências de seus falantes, que constituem seu próprio espaço de visão de

mundo, assim, como temos no português. Nesse processo, a língua Sateré é a forma de expressão aquisitiva dos povos indígenas, ou seja, agrega a cultura, manifestações religiosas e os princípios étnicos e aquisição social.

Cada língua indígena brasileira não só reflete, assim, aspectos importantes de visão de mundo desenvolvida pelo povo que a fala, mas constitui, além disso, a única porta de acesso ao conhecimento pleno dessa visão de mundo que só nela é expressa (RODRIGUES, 1994,27).

Deste modo, é visível que a língua Sateré-Mawé no Município de Maués, ainda é pouco valorizada, visto que, há a necessidade de se trabalhar a língua dentro das escolas de ensino básico e também dentro das universidades, em benefício dos indígenas que desejam estudar e fazer uma boa faculdade. Por meio da análise de dados dos participantes do minicurso de língua Sateré, concluiu-se que a língua faz parte da história e da cultura indígena, e que ambos têm plena relação e que precisam de mais atenção a língua Sateré para que não se apague dentro do espaço urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, acentua-se em uma pesquisa científica do regaste de valores socioculturais indígenas Sateré-Mawé, que fazem parte da história do Município de Maués/AM, o qual possibilitou iniciativas com finalidade a valorização e fortalecimento do idioma Sateré e aquisição cultural. Além disso, o minicurso mostrou que a referida língua indígena Sateré-Mawé é de grande importância para a integração indígena nas instituições de ensino, como a universidade, a qual faz com que o conhecimento etnolinguístico, sem isolar o cultural, linguístico e social cada vez mais próximo de quem realmente tenha o interesse em aprendê-la e construir outras percepções étnicas com o intuito de promovê-la ainda mais e assegurar o respeito pela diversidade linguística e cultural indígena e seus aspectos.

Precisa-se integrar mais o idioma Sateré no espaço urbano de Maués, para que as futuras gerações tenham acesso a ela e suscite novas possibilidades de desenvolvimento de projetos voltados para essa questão. O minicurso foi uma pequena janela que norteou de maneira tímida e consciente para com o fortalecimento da língua Sateré no Núcleo de Ensino Superior de Maués-NESMAU, com os participantes em maioria acadêmicos do NESMAU. Desta maneira, este trabalho pretendeu dar visibilidade científica e relevância acadêmica, por meio de pesquisa com fins de produzir um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, na modalidade artigo científico, para chamar a devida atenção à necessidade de fortalecimento da língua autóctone Sateré-Mawé no Município de Maués.

REFERÊNCIAS

Beatriz Christino. **Hoje nós não somos mais huni kuin só na nossa língua:** o português caxinawá em interações transculturais. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), RJ, Brasil, 2018.

BERNAL, Jamarillo. **Índios urbanos: processo de recomformação das identidades étnicas indígenas em Manaus**: Tradução Evelly Marie Therese Mainbourg. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/ Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **LDB-Lei nº 9.394/96 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL/CAPEMA/MEC. **Cidadania, interculturalidade e formação de docentes indígenas**. Goiânia. Ed. da PUC, 2010. 204 p. (Organização Leandro Mendes Rocha, Maria do Socorro Pimentel, Mônica Veloso Borges.)

CÂMARA, Jr, Joaquim. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1965.

CARNEIRO, Denise de Souza. **Construções Negativas em Sateré-Mawé**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia-Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Uberlândia: 2012.

CORRÊA, Agnaldo; XAVIER, Mirella. **Comunidades tradicionais reinventadas: a reconstrução identitária dos Sateré-Mawé em Manaus**. Livro: MULHERES SATERÉ-MAWÉ: a epifania de seu povo e suas práticas sociais/Organizado por Iraildes Caldas Torres. Manaus. Valer. 2014.

FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia científica ao alcance de todos**. 4. Edição. Manaus: Editora Valer, 2010.

LIMA BARRETO, Evanice Ramos. **Etnolinguística: Pressupostos e Tarefas**, São Paulo: [s.n.], 2010. Disponível em www.partes.com.br/cultura/etnolinguistica.asp>. Acesso em: 11 de dez. 2018.

LIMA, T. L. C.; MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Rev. Katál, Florianópolis, v.10n. esp., p.37-45, 2007.

MEZZARROBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia Servilha. **Manual de Metodologia no Direito**. Ed. São Paulo. Saraiva, 2009.

MINAYO, Maria C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTEIRO, Joelma de Carvalho. **Ritual da etnia Sateré-Mawé: Língua, Memória e Tradição cultural**. Manaus, 2015.

RODRIGUES, Aryon. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1994.

TEXEIRA, Pery. **Sateré-Mawé: Retrato de um povo indígena. Diagnóstico Sócio Participativo**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2005.